

Boletim Internacional



Ano VI n° 45 29.11.2006

Mexicanos dão prazo ao governo

Os trabalhadores das seções 271 e 273 de Lazáro Cárdenas, Michoaccán, do Sindicato Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos e Mineiros do México (SNTMMSRM) deram um prazo ao governo mexicano, para que ele volte a reconhecer a Napoleón Gómez como o seu secretário geral. Se isso não acontecer até 01 de dezembro eles prometeram tomar outras medidas e chegar até à greve geral .

O porta-voz dos metalúrgicos mexicanos anunciou que cerca de 3.000 trabalhadores reunidos em assembléia cansaram-se das promessas do governo e resolveram estabelecer um prazo para que o governo volte atrás e reconheça o deposto secretario geral do Sindicato.

Em conseqüência dessa decisão,. o sindicato resolveu pedir às suas seções localizadas em 22 estados que votem a realização de greve geral em 1 de dezembro, dia em que o novo presidente mexicano, Felipe Calderón, tomará posse.

"Nós estamos prontos para paralisar estas empresas - ATIBSA, ASSSA, Siderúrgica Lazáro Cárdenas , Las Truchas, Mittal Steel e Viga Trefilados e pretender bloquear o trafego na cidade até que seja respeitado o nosso direito de eleger nossos líderes e nossa independência sindical", disse Martín Rodríguez Piedra, secretário geral da seção 271.

Ele acrescentou que eles irão "fornecer apoio financeiro aos mineiros de Pasta de Conchos, porque o ilegalmente indicado secretário geral, Elías Morales está prestes a vender a Convenção coletiva e dissolver a seção para encobrir o papel do Grupo México na tragédia da mina de carvão n° 8, Pasta de Conchos, onde 64 mineiros foram mortos".

Essas seções entraram em greve em 3 de abril deste ano. A greve terminou em 21 de agosto quando os mineiros receberam um aumento de 8% nos salários, 100% dos salários não pagos durante a greve e o reconhecimento de Napoleón Gómez.

Eles acrescentaram finalmente, "que diante da difícil situação econômica em que se encontra o país é uma irresponsabilidade o secretário do trabalho, o engenheiro químico Francisco Javier Salazar Sáenz, entregar para o novo governo um conflito criado artificialmente devido às suas ligações pessoais com as empresas metalúrgicas e mineiras". (FITIM, 21.11.2006)

Russos convocam Boicote à GM

Rússia: GM viola direitos trabalhistas e sindicais em Toliatti

TIE-Brasil " Publicamos em nossa sessão "Documentos" a [carta da FITIM](#) que nos foi enviada pela CNM-CUT, solicitando apoio a Luta dos Trabalhadores na GM-AvtoVAZ, uma empresa mista fruto da união entre a gigante norte-americana General Motors e a monstruosa AvtoVAZ (que produz os velhos e conhecidos Lada).

A GM-AvtoVAZ não respeita o Direito a Livre Organização dos Trabalhadores no Local de Trabalho nem tampouco a diretoria democraticamente eleita do Sindicato dos Trabalhadores na AvotVAZ.

Este sindicato criado recentemente conta com o apoio do Edinstvo (Unidade) - Sindicato Independente dos Trabalhadores na AvtoVAZ (Lada) que há 16 anos resiste às pressões por parte da ditatorial direção da empresa russa, bem como da direção do sindicato oficial pelego. O Edinstvo

é um dos poucos sindicatos independentes criado nos anos 90 que ainda se mantém fiel aos princípios democráticos, pluralistas e internacionalistas.

Os Trabalhadores russos na AvtoVAZ produzem basicamente dois modelos de automóveis. O Chevrolet Viva (o Astra brasileiro) e o Chevrolet Niva, a nova versão do famoso jipinho russo que já não leva mais o sobrenome Lada...

Os companheiros na GM-Avot Vaz resistem como podem e lutam como sabem. É de se orgulhar a coragem e bravura destes companheiros e companheiras que colocam seu pescoço a prêmio em uma cidade onde praticamente só existem dois grande empregadores (a Lada e a GM-AvtoVAZ) e em um país onde há muita liberdade econômica (para os patrões) e muita repressão política (aberta e velada).

Nós de TIE e do Projeto Latinoamericano, sentimos certo orgulho por esta resistência estar acontecendo neste momento. É que em 2005 companheiros russos da Ford e da AvtoVAZ participaram do Encontro Internacional dos Trabalhadores na Ford e quando voltaram ao seu país divulgaram entre os Trabalhadores de base o que tinham visto e aprendido durante esta atividade de intercâmbio de informações e experiências. Este dois companheiros, Alex Etmanov (Ford) e Pedro Zolatariev (AvtoVAZ) co-presidem o Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Industria Auto Russa e dão todo o suporte e apoio para os companheiros do Sindicato dos Trabalhadores na GM-AVtoVAZ.

As mobilizações que aconteceram na Rússia desde então mostram o quão importante é esta construção coletiva de conhecimento e quão importante é a sincera, aberta e direta troca de informações entre os Trabalhadores de base.

[Clique aqui](#) para ver a íntegra da carta da FITIM assinada por Marcelo Malentacchi.

Russos convocam Boicote a General Motors e suas subsidiárias

"Já que a direção da GM-AvtoVAZ segue com sua política anti-operária e anti-sindical, desrespeitando brutalmente a legislação trabalhista da Rússia assim como as convenções internacionais, perseguindo os ativistas do sindicato operário e independente; já que a direção da corporação GM não reage aos protestos e reivindicações do movimento operário e sindical russo e internacional, nós somos obrigados a tomar medidas extremas no sentido de auto-defesa dos Direitos Humanos e Laborais dos Trabalhadores na transnacional norte-americana, conclamando ao BOICOTE A TODA A PRODUÇÃO DA CORPORAÇÃO GENERAL MOTORS, inclusive a produção de sua subsidiária GM-AvtoVAZ.

Nosso Sindicato tenta negociar com a empresa melhores condições de Trabalho para noss@s companheir@s de trabalho possam produzir veículos de qualidade destinados aos nossos consumidores, mas encontramos uma resistência ativa por parte da direção da GM-AvotVAZ.

Buscando economizar ao máximo com a já barata mão-de-obra russa, a direção da GM-AvtoVAZ conscientemente cria insuportáveis e pesadas condições de trabalho e paga miseráveis salários que levam a uma constante rotatividade de mão-de-obra. Mal aprendem suas operações os Trabalhadores pedem demissão. É claro que tudo isso leva a uma produção de baixa qualidade e veículos com problemas mecânicos embarcados...

Nós conclamamos a todos os cidadãos conscientes, assim como às diversas organizações a deixar de comprar automóveis das marcas "Chevrolet", "Chevrolet-Niva", "Opel", "Chevrolet Viva", "Hammer", "Saab", "Cadillac" produzidos pela transnacional GM. Conclamamos ainda que não se utilizem dos serviços da referida empresa nem de suas filiais e subsidiárias, incluindo revendas e centros de assistência técnica e mecânica "GM-AvtoVAZ" até que a direção da GM-AvtoVAZ acate as seguintes reivindicações do Sindicato Independente dos Trabalhadores na GM-AvtoVAZ:

- 1) Reintegração ao devido posto de Trabalho da ativista Ilissiar Sharafutdinova, demitida ilegalmente;
- 2) Reconhecimento imediato do Sindicato Independente dos Trabalhadores na GM-AvotoVAZ, assim como iniciar imediatamente as negociações com seus representantes legitimamente eleitos.

Toliatti, 22 de novembro de 2006

Sindicato Independente dos Trabalhadores na GM-AvtoVAZ

(Tradução S.L.Bertoni - TIE-Brasil)

III Encontro dos Trabalhadores da Gerdau

III Encontro Internacional dos Trabalhadores da Gerdau

Iniciado na quinta-feira (16), em Porto Alegre, o III Encontro Internacional dos Trabalhadores da Gerdau decidiu pressionar a direção da multinacional brasileira para que assine o Acordo Marco Internacional (AMI), pelo qual a empresa se compromete a respeitar as convenções básicas da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O evento contou com a participação de lideranças sindicais metalúrgicas e comerciárias de nove países. Uma vez assinado o AMI, explica Fernando Lopes, secretário-geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNM/CUT), a empresa terá de rever algumas das suas práticas anti-sindicais, como o desrespeito à livre organização sindical e às Convenções Coletivas, pois ficaria sujeita a uma comissão de acompanhamento, que se reúne a cada seis meses, monitorando o cumprimento do acordado.

Truculência

"Nos Estados Unidos, a Gerdau possui inúmeras plantas siderúrgicas onde ela simplesmente inviabiliza a existência de Sindicatos, assim como na Colômbia e no Uruguai. No caso das negociações coletivas, a empresa tenta descumprir direitos conquistados e, quando não consegue, busca o rebaixamento das condições anteriormente firmadas", denuncia Fernando.

E exemplifica: "a empresa propôs aos companheiros norte-americanos um acordo impossível de ser aceito, com jornada de 16 horas e sem o pagamento de horas extras. Como pela lei dos EUA o patrão pode fazer locaute e fechar a empresa se não há acordo, isso representa uma ameaça ao próprio emprego dos trabalhadores, que passam a pressionar o Sindicato para evitar o mal menor. Isso é inaceitável".

Fernando lembra que, no caso colombiano, a situação é mais grave pois se configura como desrespeito aos próprios direitos humanos, com a Gerdau tirando proveito de práticas de terrorismo de Estado.

"A questão é gravíssima, pois quando um sindicalista é muito ativo, ele é denunciado pela empresa por desrespeito à ordem social. Isso é um sinal dado aos grupos paramilitares que aquela é uma liderança que deve ser eliminada. Temos vários companheiros exilados. Os que ficam, como há vários em Cali, acabam tendo de ser mantidos com seguranças fortemente armados, o que põe em risco seu trabalho sindical e a própria vida. Ou seja, a Gerdau tira proveito desse sistema de terror e intimidação", ressalta.

Perseguição

Também no Brasil, esclarece, há casos de perseguição a lideranças, como em Pernambuco, onde recentemente um companheiro foi reintegrado ao trabalho pela Justiça, após seis meses de afastamento por defender os direitos dos trabalhadores.

"Apesar de vender uma imagem pública de modernidade, as ações anti-sindicais da Gerdau revelam atraso e reacionarismo", denuncia o secretário-geral da CNM, frisando que a posição corporativa do grupo é de ignorar a organização dos trabalhadores.

"A verdade, sublinhou, é que o grupo Gerdau foi um dos grandes beneficiados em nosso país pelas políticas neoliberais, de privatização do Estado. Desde a Açominas, com moedas podres, passando pela compra de fábricas para fechá-las logo em seguida, monopolizando o setor, este é o caminho trilhado pela empresa. E isso não é só no nosso país, no Uruguai também foi assim", ressalta.

Para Celso Woyciechowski, presidente regional da CUT-RS, o evento sediado na capital gaúcha é de suma importância "para construir um acordo que possa embasar a defesa dos trabalhadores em todas as fábricas da multinacional, mostrando desta forma à sociedade que a Gerdau é uma empresa que precisa modernizar sua relação com os trabalhadores".

Contracs

Conforme Alci Matos, da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e em Serviços (Contracs/CUT), a integração entre as categorias distintas numa luta deste porte é uma necessidade, "principalmente quando uma empresa adota posturas tão condenáveis a nível global, desrespeitando a legislação e os próprios direitos dos trabalhadores".

Na avaliação de Ricardo Patah, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio da Força Sindical, "o encontro concretiza o ideal de solidariedade da classe trabalhadora, pois soma e mobiliza contra práticas anti-sindicais muito negativas". Patah defende a necessidade de uma ação global conjunta que aponte para um processo de negociação coletiva que assegure direitos e amplie conquistas.

Para dar resposta a tantos abusos, sindicalistas do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Colômbia, Peru, EUA, Canadá e Espanha lançaram na sexta (17), na capital gaúcha, a Jornada pela assinatura do Acordo Marco Internacional. (Leonardo Wexell Severo) *(Agência CUT, 17.11.2006)*

Empresários preocupados com o USW

Transcrevemos abaixo mais duas matérias publicadas pelo jornal Valor Econômico retratando a preocupação do jornal (e dos empresários, que são seus principais leitores) com a atuação do USW - Sindicato dos Trabalhadores Siderúrgicos frente às (más) atividades dos empresários brasileiros presentes no setor siderúrgico da América do Norte.

As matérias bem escritas e informativas refletem essa preocupação empresarial com a reação às novas " multinacionais brasileiras" e mais que isso reflete a preocupação com a derrota de Bush e o novo domínio democrata no Congresso dos Estados Unidos.

USW, sindicato que atormenta a vida de brasileiros nos EUA

Ricardo Balthazar

O grupo Gerdau preferiu fechar por seis meses as portas de uma das suas maiores usinas nos Estados Unidos para não ter que lidar com eles. Quando a Vale do Rio Doce decidiu comprar a mineradora canadense Inco, eles foram os primeiros a fazer cara feia. A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) acaba de perder um negócio importante porque eles não gostaram dos seus planos.

Apareceu um osso duro de roer no caminho das empresas brasileiras que resolveram expandir suas atividades no exterior. Eles são os Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês), um sindicato aguerrido que defende os interesses de 850 mil trabalhadores nos EUA e no Canadá e cuja influência atinge diversos setores da economia.

Sua capacidade de criar dificuldades começou a ser percebida há pouco tempo por companhias como Gerdau e CSN. Num momento crucial da trajetória dessas empresas, em que elas precisam crescer fora do Brasil para enfrentar os grupos estrangeiros que competem com elas no mercado global, o sindicato surgiu como um adversário temível e inesperado.

É bom se acostumar. "Os Estados Unidos são o maior mercado consumidor do mundo e não há coisa mais valiosa para uma empresa do que o acesso a esse mercado", diz o [presidente do sindicato, Leo Gerard](#). "Mas não temos razão para entregá-lo de graça e ninguém tem o direito de vir aqui fazer dinheiro às custas do nosso padrão de vida."

Como a CSN descobriu há duas semanas, o preço do ingresso pode ser alto demais. A companhia passou meses negociando uma fusão com a siderúrgica Wheeling-Pittsburgh até ver sua proposta rejeitada pelos acionistas da empresa. A CSN planejava passar a faca nos benefícios pagos pela Wheeling aos trabalhadores e por isso o sindicato se opôs à transação.

Os acionistas perceberam que seria impraticável para a CSN administrar a companhia sem amigos no USW e decidiram aceitar uma oferta rival da americana Esmark, que já tinha assinado um acordo com o sindicato prometendo aumentar os benefícios dos trabalhadores. "Nenhuma empresa jamais teve sucesso nessa indústria brigando com o sindicato", diz o presidente da Esmark, Craig Bouchard.

É o que a Gerdau também já entendeu. Em maio de 2005, a subsidiária que cuida dos negócios do grupo nos EUA e no Canadá, a Gerdau Ameristeel, promoveu um locaute numa usina no Texas para forçar o sindicato a aceitar várias concessões. Com a medida, os trabalhadores foram mandados para casa e ficaram sem receber seus salários, e a usina suspendeu a produção.

Foi inútil. Em novembro, a empresa encerrou o locaute, chamou todos de volta ao trabalho e aceitou retornar à mesa de negociações. O sindicato representa 2,7 mil dos 7,2 mil empregados da Gerdau na América do Norte e no momento negocia a renovação dos contratos coletivos que protegem os interesses dos trabalhadores em seis das 14 usinas que o grupo controla.

A conversa não tem sido fácil, mas os sindicalistas identificaram recentemente uma mudança de tom nos negociadores da Gerdau. Eles acham que isso é o resultado da agressiva campanha organizada pelo sindicato para pressionar a empresa no Brasil e nos EUA, que incluiu manifestações



nas ruas, visitas de políticos americanos à sede do grupo em Porto Alegre e até mesmo discussões com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A negociação é delicada porque há muita coisa em jogo. A Gerdau quer cortar os custos do plano de saúde dos empregados e deseja pagar salários mais baixos sempre que fizer novas contratações. Em média, um operário filiado ao sindicato ganha US\$ 2,9 mil por mês na empresa. Sindicalistas envolvidos nas negociações calculam que a Gerdau pagaria 30% menos se conseguisse se livrar do USW.

Os metalúrgicos resistem a fazer concessões à companhia porque temem que outras siderúrgicas passem a exigir a mesma coisa em 2008, quando expiram os principais contratos coletivos em vigor no setor. "Não estamos pedindo nada de especial à Gerdau", diz Gerard. "Queremos um acordo honesto que reflita o padrão vigente na indústria atualmente."

Nos últimos anos, Gerard teve um papel decisivo na reestruturação da siderurgia nos EUA. Para ajudar a indústria a se reerguer após uma onda de falências que varreu o setor nos anos 90, ele aceitou inúmeras concessões e abriu mão de milhares de postos de trabalho. Ao mesmo tempo, passou a se envolver ativamente na gestão das empresas.

Com orçamento anual de US\$ 1 bilhão, o sindicato pôs gente sua nos conselhos de administração e sugeriu novos esquemas de participação nos lucros para financiar pensões e planos de saúde. Um dos principais assessores de Gerard, Ron Bloom, trabalhava no banco de investimentos Lazard e hoje ajuda o USW a examinar a contabilidade das empresas e interferir em fusões e aquisições do setor.

O sindicato também construiu alianças com líderes da indústria, como o grupo Mittal, e trabalha com eles para pressionar o governo a manter as tarifas que barram a entrada de aço importado do Brasil e de outros países. "O USW fará tudo que achar necessário para proteger os empregos dos associados", diz o professor Robert McKersie, um especialista em relações trabalhistas na Escola de Administração Sloan, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

O encolhimento da atividade industrial nos EUA e a reestruturação da siderurgia abalaram o sindicato nos últimos tempos. A fatia da força de trabalho sob controle do USW na indústria do aço diminuiu de 48% para 36% em dez anos. Mas o sindicato ganhou força com uma série de fusões em que engoliu sindicatos menores, como o que representava os trabalhadores de indústrias químicas e de papel.

Foi uma dessas fusões que levou o sindicato a atuar no Canadá, onde a Vale Ihe foi apresentada neste ano. O USW foi contra a venda da Inco para a Vale, mas não tem queixas do novo patrão. "Nosso contato inicial foi positivo e estamos satisfeitos", diz o diretor do USW na província canadense de Ontário, Wayne Fraser. Seu contrato com a Inco só vence em 2008. Quando chegar a hora de renegociá-lo, a conversa pode ficar bem diferente.

Admirador de Lula, dirigente pediu ao presidente intermediação com Gerdau

Até outro dia havia uma bandeira do PT pendurada no escritório de Leo Gerard, na sede dos Metalúrgicos Unidos. Ela sumiu. "Alguém veio arrumar minha sala quando eu estava viajando e levou ela embora", diz ele, que sente falta do souvenir e fica surpreso quando lhe contam que muitos militantes petistas jogaram fora suas bandeiras vermelhas nos últimos anos, decepcionados com o partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Gerard se diz um admirador de Lula, o ex-líder sindical que virou presidente. "Ele herdou um país que estava uma bagunça e as expectativas eram muito altas", afirma. "Não dá para consertar isso de uma vez, por melhores que sejam as suas intenções." Em 2002, de passagem pelo Brasil para participar de um congresso sindical, ele assistiu à comemoração do triunfo petista na avenida Paulista, em São Paulo, atrás de Lula no palanque.

Em abril de 2005, Gerard pediu a Lula que lhe desse uma mão na briga com a Gerdau. Um de seus assessores mais próximos, Gerald Fernandez, discutiu o problema pessoalmente com o presidente, que o recebeu no Palácio do Planalto com um grupo encabeçado por John Sweeney, o chefe da Federação Americana do Trabalho e do Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO, na sigla em inglês), a poderosa central sindical dos EUA.

Lula prometeu quealaria sobre o assunto com o empresário Jorge Gerdau, com quem teria uma reunião dez dias depois. Não se sabe ao certo como foi a conversa, mas os americanos atribuem à interferência do presidente a recente mudança de tom dos executivos da Gerdau nas negociações com o sindicato. "Ele fez uma interlocução muito positiva", diz Stanley Gacek, um diretor da AFL-CIO que conhece Lula desde os anos 80.

Gacek falou sobre a Gerdau com o presidente novamente alguns meses depois, num encontro em Nova York, onde Lula participava de reunião da Organização das Nações Unidas (ONU). A pedido de dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o ministro do Trabalho, Luiz Marinho, também conversou com Jorge Gerdau sobre o conflito com o sindicato.

"Era importante que o governo demonstrasse sua preocupação", diz o secretário-geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, Fernando Lopes, que acompanha as negociações desde o início. "A Gerdau é uma empresa nacional que recebe financiamento público e por isso ela precisa se comportar dentro de certos limites éticos, em todos os países onde atua."

Procurada pelo Valor, a empresa não quis se manifestar sobre a interferência do governo nas negociações. Sua assessoria de imprensa limitou-se a enviar uma nota para dizer que o grupo "segue as melhores práticas internacionais" e prefere que as negociações na área trabalhista sejam "conduzidas em âmbito local por profissionais locais".

Apesar da admiração por Lula, Gerard acompanha a política brasileira à distância. Recentemente, ele torceu o nariz quando soube que o presidente gostaria de ter Gerdau em seu ministério. "Desconfio que poderíamos fazer essa idéia desaparecer se fôssemos a Brasília espalhar uns cartazes, botar uns anúncios no rádio e falar com as pessoas sobre o que a empresa anda fazendo nos EUA", afirma Gerard. (*Valor*, 29.11.2006)

Na disputa pela Wheeling, metalúrgicos derrotam CSN

Ricardo Balthazar

O fator decisivo para a derrota sofrida pela Cia. Siderúrgica Nacional (CSN) na batalha pelo controle da americana Wheeling-Pittsburgh foi a oposição do sindicato que representa os trabalhadores da empresa, os Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês).

Em termos financeiros e do ponto de vista do futuro da empresa, a proposta da CSN era considerada por alguns analistas melhor do que a da rival, apresentada pela distribuidora de produtos siderúrgicos Esmark. Mas a oposição do sindicato ameaçava impedir a CSN de levar seus planos para frente.

As pretensões da empresa viraram pó na sexta-feira, quando uma assembléia de acionistas da Wheeling decidiu mandar para casa a atual diretoria da companhia, que era favorável a uma fusão com a CSN. Os acionistas escolheram um grupo de executivos ligados à Esmark para dirigir a empresa. A nova administração deve tomar posse nas próximas semanas.

"A CSN é uma grande companhia e seus executivos são pessoas inteligentes, mas cometeram vários erros nesse processo", disse ao Valor o presidente da Esmark, Craig Bouchard. "O maior foi subestimar a importância que manter boas relações com o sindicato tem para essa indústria nos EUA."

Sediada em Chicago, a Esmark foi criada há três anos e cresceu engolindo pequenas empresas em dificuldade. Seus centros de serviço compram chapas de aço e outros produtos no atacado e os revendem em lotes menores. Deve faturar US\$ 650 milhões este ano e promete injetar US\$ 200 milhões na Wheeling ao tomar o controle.

O sindicato se opôs à CSN desde que ela apresentou sua proposta de fusão porque percebeu que o plano previa redução das contribuições que a Wheeling é obrigada a fazer para um fundo que custeia as aposentadorias e o plano de saúde dos trabalhadores. A Esmark ganhou o apoio do sindicato porque se comprometeu a aumentar o valor dessas contribuições.

O contrato coletivo que protege os interesses dos empregados da Wheeling dá ao sindicato o poder de vetar qualquer tentativa de transferência do controle da empresa. Numa carta dirigida à direção da empresa dias antes da assembléia de sexta-feira, o USW ameaçou levar a Wheeling à falência se isso fosse necessário para impedir a CSN de assumir o controle da empresa.

Os executivos da CSN tiveram muitas conversas com os dirigentes do sindicato nos últimos meses, mas nunca chegaram perto de um acordo. A empresa apostava que teria melhores condições de negociar com os trabalhadores se conquistasse antes o apoio dos investidores que têm ações da Wheeling, mas a estratégia se revelou arriscada demais quando o sindicato resolveu engrossar com a CSN.

Na véspera da assembléia, a consultoria independente Institutional Shareholder Services (ISS) publicou relatório comparando as duas propostas. Concluiu que a da CSN era melhor, mas observou que a oposição do sindicato tornava "improvável" que os planos da CSN saíssem do papel algum dia, e sugeriu aos acionistas da Wheeling que votassem a favor da Esmark. O que a maioria acabou fazendo. (*Valor*, 20.11.2006)

Trabalhistas voltam ao poder em Washington

Sérgio Dávila, de Washington

Aumento do salário mínimo é prioridade da agenda política dos democratas

Novos congressistas prometem ainda lutar por acesso universal à saúde pública e pelo direito de filiação aos sindicatos

Dois sinais de que os tempos começam a mudar de direção na política de Washington.

Na agenda de cem horas da recém-eleita presidente do Congresso, a democrata Nancy Pelosi, um dos pontos principais é o aumento do salário mínimo federal, inalterado há nove anos. Na semana passada, o veterano senador Ted Kennedy, que deve assumir o Comitê de Trabalho, disse que sua primeira ação será justamente propor o reajuste, dos atuais US\$ 5,15 (R\$ 11,10) por hora para US\$ 7,25 (R\$ 15,60) por hora.

"Os americanos estão trabalhando cada vez mais duro, mas milhões de trabalhadores espalhados pelo país não estão recebendo sua justa parte", disse o democrata.

Na última terça-feira, o representante (deputado federal) novato Keith Ellison, que é o primeiro negro eleito pelo Estado de Minnesota e o primeiro congressista muçulmano da história, não apareceu na tradicional recepção oferecida pelo presidente Bush aos políticos calouros. Em vez disso, o democrata foi a uma festa do AFL-CIO, considerado o "sindicato dos sindicatos" dos trabalhadores norte-americanos.

"[George W.] Bush é o presidente e eu o respeito em seu papel de presidente, mas tenho extremas diferenças políticas com ele", disse Ellison. Sua agenda a partir de 3 de janeiro? "Impostos justos, um salário mínimo que dê para sobreviver e o direito de se sindicalizar."

"Seca"

Depois de mais de uma década como espectadores, os trabalhistas e sua agenda estão de volta à política norte-americana. "Foi uma seca de 12 anos, e estamos com muita energia contida", resume Bill Samuel, diretor legislativo da AFL-CIO, entidade que apóia historicamente os democratas.

"Muitas pessoas estiveram envolvidas em colocá-los na liderança", concorda Eli Pariser, diretor da ONG liberal MoveOn.org, uma das principais e mais ativas pontes entre democratas e a sociedade civil.

A agenda é ambiciosa e inclui acesso universal à saúde pública e ao ensino universitário e o direito de se filiar a sindicatos (que tem entre seus principais opositores o próprio Bush), mas a estrela é mesmo o salário mínimo. A proposta foi incluída em seis Estados no pleito de novembro e aprovada em todos. Com isso, das 50 unidades da Federação, 29 agora contam com a medida.

Estados têm autonomia para definir seu próprio mínimo, desde que seja pelo menos igual ao federal. Pois o alvo agora é justamente esse. O aumento foi considerado uma reivindicação justa por 85% dos eleitores de novembro, segundo resultado de pesquisa Gallup.

Numa sociedade em que a maioria das pessoas é de classe média, porém, a medida é considerada populista. Segundo o Economy Policy Institute, de Washington, apenas 2% dos trabalhadores norte-americanos ganham o mínimo.

Um terço dos trabalhadores norte-americanos ganha entre US\$ 35 mil e US\$ 75 mil por ano, segundo o Censo de 2005. Mas 58% dos que ganham entre US\$ 30 mil e US\$ 50 mil votaram em democratas neste ano. É a esses que os novos líderes parlamentares querem agradar. *(Folha de São Paulo, 20.11.2006)*

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

<http://www.cnmcut.org.br>